

SUBSÍDIOS PARA A TRANSIÇÃO

**GRUPO TÉCNICO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

NOTA 02

Contribuições para o documento da
transição de governo

afipea

Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea | Associação dos Funcionários do Ipea

Contribuições para o documento da transição de governo

Murilo Pires¹

1. Diagnósticos: fatos Estilizados sobre a dinâmica econômica da Região Centro-Oeste

As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste que detinham conjuntamente 28,0% das matrículas nacionais em graduação em 2000, passaram a representar 39,2% em 2018. O percentual de instituições de ensino superior se expandiu em proporções muito parecidas com o das matrículas: as regiões NO, NE e CO tinham 28,3% do total nacional em 2000 e passaram a ostentar 39,3% do mesmo total em 2018 (Macedo et ali, 2022, cap 1). O estilo de desenvolvimento estimulado, a partir dos anos de 1990, na região Centro-Oeste foi pensando a partir da premissa que os mercados globalizados seriam o elo entre as dinâmicas econômicas deste espaço regional com os centros de decisões no mercado internacional. Para tanto, as diretrizes do *Consenso de Washington*, isto é, dos mercados desregulamentados, das privatizações, da abertura comercial e financeira e da redução fiscal do Estado foram o elemento motor para estimular os investimentos produtivos nos países periféricos. Deste modo, a integração dos estados centro-oestinos com os mercados globalizados promoveria os investimentos necessários para causar as transformações necessárias nas estruturas produtivas desta região.

Neste sentido, a região Centro-Oeste interligou-se aos principais elos das cadeias produtivas regionais, nacional e internacional e, com isto, impulsionou os investimentos para a modernização de suas estruturas produtivas. Assim sendo, as inovações tecnológicas impulsionaram uma onda de destruição criadora que incrementou o progresso técnico entre as unidades produtivas centro-oestinas.

Por outro lado, é importante destacar que esta expansão do progresso técnico não foi assimilada de forma simétrica entre os agentes econômicos, dado que, em estruturas subdesenvolvidas, o moderno e o atraso convivem no mesmo espaço e tempo e, por isto, não há convergência na difusão deste progresso técnico entre os agentes econômicos e muito menos entre os espaços inter-regionais.

É neste cenário de heterogeneidade estrutural, que o lado moderno da agropecuária centrooestina foi incorporando, em suas funções de produção, cada vez mais o progresso técnico e expandindo o seu excedente agropecuário. Além disto, as políticas públicas de promoção do desenvolvimento (crédito, tecnologia, logística e armazenamento) e o capital financeiro potencializaram ainda mais a produção agropecuária desta região, em especial, no incremento de culturas de forte inserção nos mercados internacionais, como por exemplo, a soja e o milho.

À vista disto, o excedente agropecuário proporcionou a entrada das principais *Trading Companies*, as quais tiveram papel singular para a expansão do capital agroindustrial neste espaço regional, em especial, naqueles setores relacionados com alimentos.

Com a integração aos mercados internacionais, a lógica da agricultura científica globalizada se expandiu e a dependência do Estado esteve, aos poucos, se reduzindo, visto

¹ Ipea. Nota elaborada para compor documento da Afipea. As posições emitidas são de exclusiva e inteira responsabilidade do autor e não refletem, necessariamente, a posição do Ipea.

que o capital financeiro, por intermédio de diversos fundos, como por exemplo, pensão, soberanos, *hedge*, *endowments*, *private equity* e seguradoras, bancos privados nacionais e internacionais e indivíduos com alto patrimônio e renda., foi aumentando sua participação em ações relacionadas ao financiamento e ao investimento em modernização da estrutura produtiva regional.

Portanto, é neste cenário que a estrutura da agropecuária centrooestina reforçou estilo de desenvolvimento ancorado na expansão estratégica de reforçar os atributos das vantagens comparativas ricardianas, em especial naqueles setores relacionados aos recursos naturais. Deste modo, as culturas da soja, do milho, da cana-de-açúcar e, recentemente, do algodão tornaram-se os principais produtos da pauta de produção e de exportação centro-oestinas.

Deste modo, entre os períodos censitários de 2006 e 2017, a região Centro-Oeste tornou-se o principal vetor de modernização da agropecuária nacional, de tal forma que a produtividade média do trabalho deste atributo neste espaço regional se destacou como aquela mais pulsantes entre todas as regiões nacionais. Portanto, novos pacotes tecnológicos foram incorporados às funções de produção destas unidades produtivas e, com isto, incrementos na produtividade média do trabalho se cristalizaram, expandindo, por conseguinte, a produção de culturas integradas aos elos das cadeias de valores internacionais.

Nesse sentido, o excedente agropecuário direcionou-se no processo de integração das cadeias produtivas nacionais e outra parte foi orientado para exportação, em especial, para a economia chinesa que, depois de sua entrada na Organização Mundial do Comércio – OMC (2001), tornou-se o principal parceiro comercial da região Centro-Oeste. Grande parte das exportações de soja, milho, carnes e derivados e minérios foram direcionados para o bloco econômico da China, Hong Kong e Macau.

No caso do mercado interno, os projetos de incentivos e benefícios fiscais, adicionadas as políticas públicas de promoção do desenvolvimento tiveram um papel central no estímulo do crescimento industrial na região. Não é por outro motivo, que o progresso técnico industrial avançou neste espaço regional de forma que a produtividade média do trabalho dos setores industriais reduziu o hiato que existia com a produtividade média do trabalho dos setores industriais paulistas entre os anos de 1996 e 2016. Mesmo que São Paulo sofra com a desindustrialização, ainda assim, é o principal centro dinâmico industrial nacional. Quer dizer, a natureza da estrutura industrial paulista é bem superior àquela verificada para a região Centro-Oeste.

Relevante sublinhar, além disso, que este processo de modernização das estruturas produtivas agropecuárias e industriais na região Centro-Oeste não se cristalizou simetricamente entre os agentes econômicos e muito menos entre as regiões que constituem este espaço regional. O fato que mais se destacou neste fenômeno foi o enrijecimento dos desequilíbrios inter-regionais e a concentração da produção e da renda naquelas localidades mais dinâmicas e especializadas na produção de *commodities* agropecuárias e minerais e de crescimento industrial baseado em recursos naturais.

Mesmo que a Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDR tenha intervindo para a redução destes desequilíbrios inter-regionais, ainda assim, observa-se que os instrumentos financeiros desta política pública, isto é, o Fundo Constitucional do Centro-Oeste - FCO, promoveu o desenvolvimento empresarial e rural naquelas regiões que já apresentavam dinamismo econômico, ou seja, reforçaram sua natureza pró-mercado. Por outro lado, é importante sinalizar que, enquanto efeito marginal, o FCO conseguiu forças para penetrar em regiões periféricas centrooestinas e, possivelmente, estão estimulando,

mesmo de forma tênue, os investimentos em desenvolvimento rural e empresarial nestes espaços regionais.

No caso do vetor externo, é fundamental salientar que as economias centrooestinas são dependentes da dinâmica econômica da economia chinesa, particularmente, nos produtos relacionados com soja e derivados, milho, carnes, algodão e minérios. Este vetor de exportação de produtos básicos, mesmo em um momento do ciclo ascendente dos preços de *commodities* agrícolas e minerais, já apresenta sinais claros de uma possível deterioração dos termos de troca, em particular, entre a região Centro-Oeste e bloco econômico da China, Hong Kong e Macau. Isto posto, evidencia-se que a capacidade de compra das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste, no tempo, está deteriorando *vis-à-vis* a capacidade de compra das importações de produtos manufaturados chineses.

No porvir, isto pode ser um elemento de restrição externa que adicionado a dependência financeira e tecnológica dos agentes econômicos do Centro-Oeste pode causar obstáculos ou, então, fortes restrições para o robustecimento do estilo de desenvolvimento do Centro-Oeste. Sobretudo, em um momento que a China inicia uma estratégia de expansão de suas relações mercantis e financeiras com a Ásia e África, por intermédio do projeto *Cinturão e Rota*, o qual tem por objetivo modernizar estas economias e supri-las com infraestrutura e logística adequadas para ofertarem matérias-primas para a economia chinesa.

2. Propostas: esboço de possíveis propostas para a região

É importante ressaltar alguns pontos que demandam questionamentos para calibrar melhor o estilo de desenvolvimento das economias do Centro-Oeste:

- I. Iniciar um projeto de industrialização da região, em especial, promovendo agregação de valores naqueles segmentos industriais que apresentam forte expressão em termos de recursos naturais;
- II. Fortalecer a agricultura familiar com o fito de modernizar suas estruturas produtivas, uma vez que parte desta categoria ainda se encontra amarradas aos grilhões da agricultura de subsistência e de baixa incorporação inovação, ciência e tecnologia em suas funções de produção;
- III. Fortalecer a Agricultura Familiar na região, em especial, estimulando sua produção para atender as demandas da cesta de consumo do trabalhador;
- IV. Repensar, institucionalmente, o modelo de governança do Fundo Constitucional do Centro-Oeste no sentido de articular melhor os canais institucionais e federativos de coordenação, comunicação, comando e controle existentes entre Ministério de Desenvolvimento Regional, SUDECO e Banco do Brasil;
- V. Reexaminar os programas de fomento do FCO dando destaque maior para projetos relacionados com a economia verde e agricultura de baixo impacto de carbono;
- VI. Articular a PNDR com outras políticas de desenvolvimento regional e setorial para estimularem o processo transformação industrial dos estados que constituem a região Centro-Oeste, porém com uma visão de redução dos desequilíbrios inter-regionais;
- VII. Pensar mecanismos ambientais que reduzam o impacto da degradação do bioma cerrado;

- VIII. Estimular inovações tecnológicas endógenas relacionadas com uso racional da água, energia renovável, bio-fertilizantes e voltadas, especificamente, para o estímulo produtivo da Agricultura Familiar;
- IX. Reestruturar o sistema de infraestrutura de transporte e logística para atender a expansão da produção centrooestina;
- X. Integrar a economia centrooestina com os mercados internacionais, mas estimulando um vetor de integração de modais de transportes (rodoviário, ferroviário e hidroviário) que tenha o Oceano Pacífico como ponto de conexão.